

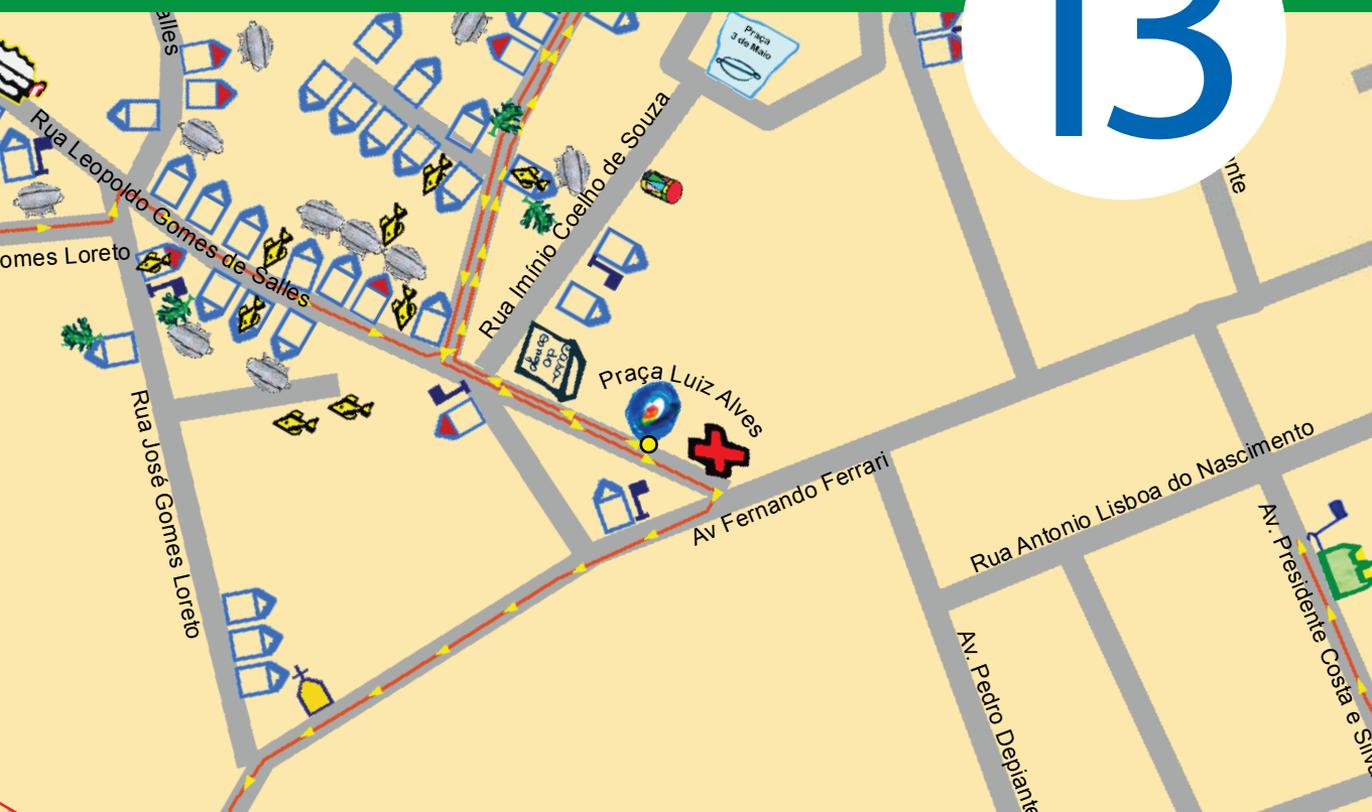
Associação de Cultura e Lazer Banda de Congo Panela de Barro



# Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

## Expressões culturais e ofícios tradicionais em Goiabeiras Velha Vitória, Espírito Santo

13



Participantes das oficinas de mapas em Goiabeiras Velha, em 13 e 14 dezembro 2008

Ademar Inocêncio da Rosa [42 anos]  
Ademilson Rodrigues [41 anos]  
Bernard Costa Bento Salles [13 anos]  
Ergidea do Nascimento [81anos]  
Elizete Salles dos Santos [76 anos]  
Emília Ferreira da Conceição [66 anos]  
Genilton Nunes Rangel [45 anos]  
Ilza dos Santos Barboza [72 anos]  
Ilza Inocêncio da Rosa [71 anos]  
Izabel Corrêa Campos [62 anos]  
Ismar Santos Rangel [43 anos]  
Jamilda Alves Rodrigues Bento [46 anos]  
Joazes Alvarenga Siqueira [47 anos]  
Maria da Conceição Costa [64 anos]  
Marilza do Nascimento Corrêa [43 anos]  
Melchiadia A. C. da Vitória Rodrigues [81 anos]  
Moacir Alves Rodrigues [37 anos]  
Ruth Ferreira Victor [70 anos]  
Sandra Rodrigues [46 anos]  
Sônia Ribeiro [52 anos]  
Thiago Henrique Ferreira [21 anos]  
Teresa Barobsa [70 anos]  
Valdemiro Sales [61 anos]  
Valdelicis Salles de Souza [63 anos]



#### Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

#### Expressões culturais e ofícios tradicionais em Goiabeiras Velha, Vitória, Espírito Santo

##### Coordenador do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida  
(NCSA-CESTU/UEA, PPGAS/UFAM, CNPQ)

##### Equipe de pesquisa

Jamilda Alves Rodrigues Bento  
Lucieni de Menezes Simão  
Moacir Alves Rodrigues

##### Edição

Jamilda Alves Rodrigues Bento  
Lucieni de Menezes Simão

##### Fotografia

Lucieni de Menezes Simão

##### Filmagem

Lucieni de Menezes Simão

##### Cartografia

Luís Augusto Pereira Lima (NCSA/UEA)

##### Projeto gráfico e editorial

Ernandes Fernandes www.designcasa8.com.br

N935 Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil: Expressões culturais e ofícios tradicionais em Goiabeiras Velha, Vitória, Espírito Santo / Alfredo Wagner Berno de Almeida; Rosa Elizabeth Acevedo Marin (Coords); autores, Jamilda Alves Rodrigues Bento, Lucieni de Menezes Simão, Moacir Alves Rodrigues. – Vitória, ES: Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidade Tradicionais do Brasil / UEA Edições, 2010.

12 p. : il. ; 25 cm. – (Povos e Comunidades Tradicionais no Brasil; 13).  
ISBN 978-85-7883-086-1

1. Comunidades Tradicionais – Goiabeiras Velha, Vitória, ES. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo III. Bento, Jamilda Alves Rodrigues. IV. Simão, Lucieni de Menezes. V. Rodrigues Moacir Alves. VI. Série.

CDU 301.185.2(815.22)

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária Rosenira Izabel de Oliveira CRB 11/529

## Por que a cartografia social?

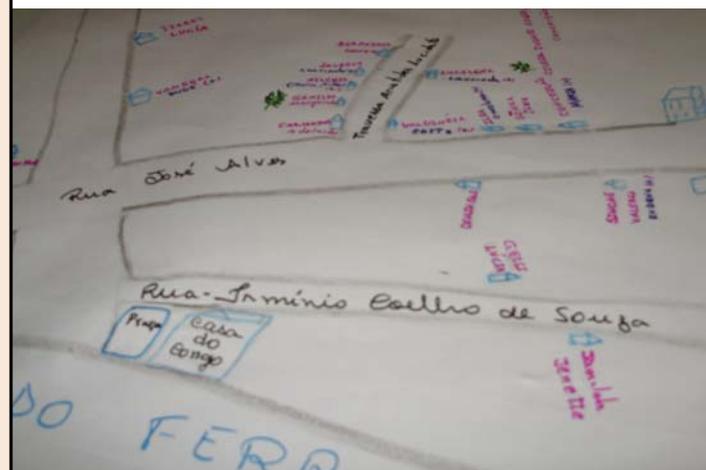
“Goiabeiras Velha, localizada na porção norte da capital do Espírito Santo, é território de rica diversidade cultural. Nela desfilam diversas tradições culturais, tais como: banda de congos, brincadeira do boi Estrela, folia de reis, bloco carnavalesco Prazer das Morenas, festa de São Benedito, novena de São Sebastião, paneleiras, benzedeadas, fazedores de redes de pescar, cantadeiras de roda, brincadeiras de rua. Dada a riqueza dessas expressões da cultura popular, acreditamos que esta cartografia social possa ser concebida e utilizada como um instrumento político para reivindicarmos a implementação de políticas públicas que efetivamente concorram para a melhoria da qualidade de vida dos mestres e mestras da cultura popular, bem como dos demais moradores desta comunidade.” Jamilda Alves Rodrigues Bento, 46 anos, presidente da Associação de Cultura e Lazer Banda de Congo Panela de Barro de Goiabeiras

“Bom, primeiro eu gostaria de dizer, falar pra vocês da importância que é este trabalho. Às vezes, não passa nem perto a importância do quanto isso é importante para uma comunidade organizada. A organização é o começo desse tipo de trabalho e, às vezes, a gente deixa passar despercebido. E a gente não pára pra pensar na grandeza que somos nós e da grandeza que é Goiabeiras. Para mim, Goiabeiras é uma instituição dentro da Grande Vitória. São poucas a diversidade de cultura que existe em um só bairro. Goiabeiras é um bairro pequeno, vamos colocar aí, três mil e quinhentos moradores, mas com uma diversidade de cultura enorme, e que poucos bairros têm. Todos os bairros têm as suas peculiaridades, suas tradições, mas poucos reúnem essa diversidade de cultura que Goiabeiras tem. Nós vamos estar apresentando dentro dessa diversidade, que começa dentro de Goiabeiras Velha e que se expande por todos os outros bairros”. Ademar Inocêncio da Rosa, 42 anos, vice-presidente da Associação de Moradores de Goiabeiras Velha

## A história social da comunidade

“Goiabeiras, antigamente, não tinha estrada, era caminho. Eu, praticamente, queimava panela na rua. Para tirar o barro, nós ia tirar o barro a pé; o barro vinha de canoa e trazia a pé. Agora a gente compra e é levado pra nós.” Melchiadia Alves Corrêa da Vitória Rodrigues, 81 anos, paneleira, cantadeira do congo, de roda, do boi Estrela e da folia de reis

“A rua nossa, que hoje é a José Alves, nós saía pra tirar barro a pé. Chegava lá, tirava, e quem trazia o barro era nós mesmo de canoa, remando. Fazia as panelas e vendia. Os compradores daqui era de Carapina. As ruas não era rua, mas caminhos. A estrada Adalberto Simão Nader



Oficina de Mapas. Da esquerda para direita, Ismar, Sandra, Izabel, Elizete, Melchiadia e Sônia

Mapa dos ofícios tradicionais de Goiabeiras Velha

era de barro. A igrejinha, aonde a gente foi batizado, era na Fernando Ferrari. O posto de saúde era onde é a delegacia.” **Ilza dos Santos Barboza**, 72 anos, paneleira, cantadeira do congo, de roda, do boi Estrela e da folia de reis

“Eu vou falar pouco, muitas coisas Ilza já contou. Meu pai acordava quatro horas da manhã pra matar boi, e eu acompanhava ele até o final. Papai me dava a barrigada [do boi] e eu ia pra maré tirar a sujeira. Ia pra Pedra da Barrinha limpar a tripa de boi. Eu vendia algumas partes do boi. Os fregueses eram seu Argeu, seu Romeu, dona Preta, dona Nedina, Maria, mãe de Glorinha, dona Ana. Eu também fazia lenha pra mamãe queimar panela.” **Tereza Barbosa dos Santos**, 70 anos, cantadeira do congo, de roda, da folia de reis e a Catirina do boi Estrela

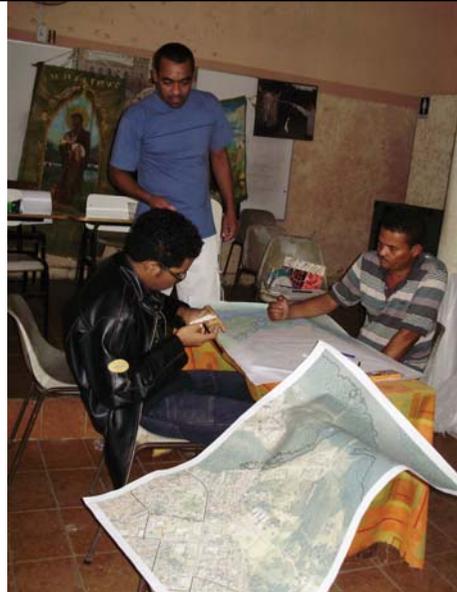
“Eu me lembro de minha mãe Ana. A gente morava perto do Campo do 3 de Maio. Aí, sentava em volta dela, ela fazendo panela de barro e fazendo bonecos. A gente ia pro mangue tirar ostra, sururu e ameixa. O Campo do 3 Maio era bonito, agora não”. **Ruth Ferreira Victor**, 70 anos, cantadeira do congo, de roda, da folia de reis e o Urubu do boi Estrela

“No campo do 3 de Maio, a gente pegava muito guaiamum [tipo de caranguejo]. A vida era muito diferente. Hoje, tudo acabou...” **Emília Ferreira da Conceição**, 66 anos, cantadeira do congo, de roda, do boi Estrela e da folia de reis.

“Olha, quando eu benzo, por exemplo, de ventre caído, eu costume ensiná banho e chá pra dá a criança... Ah, eu passo ou o elevante, ou a vassourinha santa do campo.” **Elizete Salles dos Santos**, 76 anos, paneleira, benzedeira, cantadeira do congo, de roda, do boi Estrela e folia reis.

“Meu pai tinha uma roça, dava amendoim, dava cana. Outra coisa, a gente vendia siri, sururu, aqui na Av. Fernando Ferrari. Assim, a gente ganhava o pão de cada dia. Tinha dois pés de girica. Hoje, não se pode fazer nada [na Avenida], tá cheio de carro. Tinha uma torneira onde a gente pegava água. Hoje, tá tudo imprensado. As empresas, a UFES fazem aterramento. O mangue está seco, tá difícil a canoa passar. Não tem como a gente sobreviver; o ar que estamos respirando não está dando.” **Joazes Alvarenga Siqueira**, 47 anos, vice-presidente da Associação de Marisqueiros e Pescadores de Goiabeiras Velha

“Goiabeiras perdeu muito mesmo! Principalmente, aquela área ali onde está localizada as paneleiras. O porto era uma praia. Na maré de março, a água vinha até na estrada. Nós perdemos muito. No portão da Laje Premo, ali era o mangue. O caranguejo começava ali; era mangue puro. A Laje Premo aterrou muita coisa. Bom, mas o que eu lembro bem da igreja era o lugar



Oficina de mapas: **Thiago, Ademar e Joazes**



Confecionando o mapa das expressões culturais: **Maria, Teresa, Emília, Valdelicis, Ruth, Valdemiro, Ademar e Ilza**.  
Apresentando o mapa: **Ilza e Valdemiro**

de bater o congo. Eles, os mais velhos, o pai da Teresa, meu tio Romeu, Astrogildo do Nascimento, o seu Padre. A gente chamava seu João Ribeiro de seu João bonitinho, assim a gente chamava ele. E ali era o tio Chico que tomava conta da banda de congo. Em frente da igreja, tinha os coqueiros e toda a noite a gente se reunia ali. Tio Romeu era mestre de congo. Eu, ainda um garotinho, ia pra lá.” **Valdemiro Sales**, 61 anos, mestre do congo, do boi Estrela e da folia de reis

“Eu me lembro que nós e mãe ia fazer lenha pelo lado da tapera e passava aqueles avião baixinho, no aeroporto. Nós se escondendo com aquele feixe de lenha, e aí nós vinha e ia passar em baixo da cerca, com medo dos homens que guardava a tapera. Vinha no meio dos mato até chegar cá na nossa entrada. Agora ela [a mãe] dizia: bota o feixe na cabeça e vamo embora”. A gente botava o feixe de lenha na cabeça, ela ajudava [...] Lá também tinha vala de morobá [tipo de peixe]”. **Ergidea Nascimento**, 80 anos, paneleira, cantadeira do congo, de roda e do boi Estrela

“Antigamente, todas as paneleiras tinha união. Quando ia queimar panelas, todas ia açoitar. Tinha um cafezinho, canjica, cuscuz, polenta e café. Quando a gente terminava, tinha uma bacia de água morna pra gente lavar as pernas, os braços. Era o banho de português. E ali no Campo do 3 Maio era um brejo. A gente lavava roupa, era a nossa piscina, era o nosso divertimento. Os italianos cozinhavam a roupa e lavavam roupa pra fora. Nós brincava de boneca e tinha batizado. Na casa de dona Merquide, a gente fazia o cozinhado. Então marcava aquele dia, cada um dava uma coisa e fazia o batizado das bonecas e virava comadre. E tinha comadre de fogueira, que tinha ontem, e hoje não tem mais.” **Sônia Ribeiro**, 52 anos, paneleira

“Antigamente, se fazia um tipo de panela chamado de ‘casada’, quando uma pessoa encomendava meio cento de panela, era vinte e cinco mãe de panela e vinte e cinco filha de panela, e não existia tampa. As mulheres fabricavam as panelas e os esposos ajudavam na queima; tiravam a casca do mangue e, depois das panelas queimadas, colocavam na canoa pra vender. Queimava uma vez por mês e as vizinhas, parentas ajudavam açoitar. Por isso, as pessoas não se cansavam tanto... Era um trabalho menos cansativo, tanto que elas faziam as panelas até sentada. Quando tinha um bebê de oito ou nove meses, a mãe ficava sentada fazendo as suas panelas e a criança rodeando, querendo mamar, e ela parava para dar de mamar o bebê. Depois que o bebê dormia, alguém sempre pegava o bebê e ela continuava a fazer suas panelinhas.” **Izabel Correa Campos**, 63 anos, paneleira, cantadeira do congo, de roda, do boi Estrela e da folia de reis.



Oficina de mapas: **Jamilda, Ergidea e Sandra**



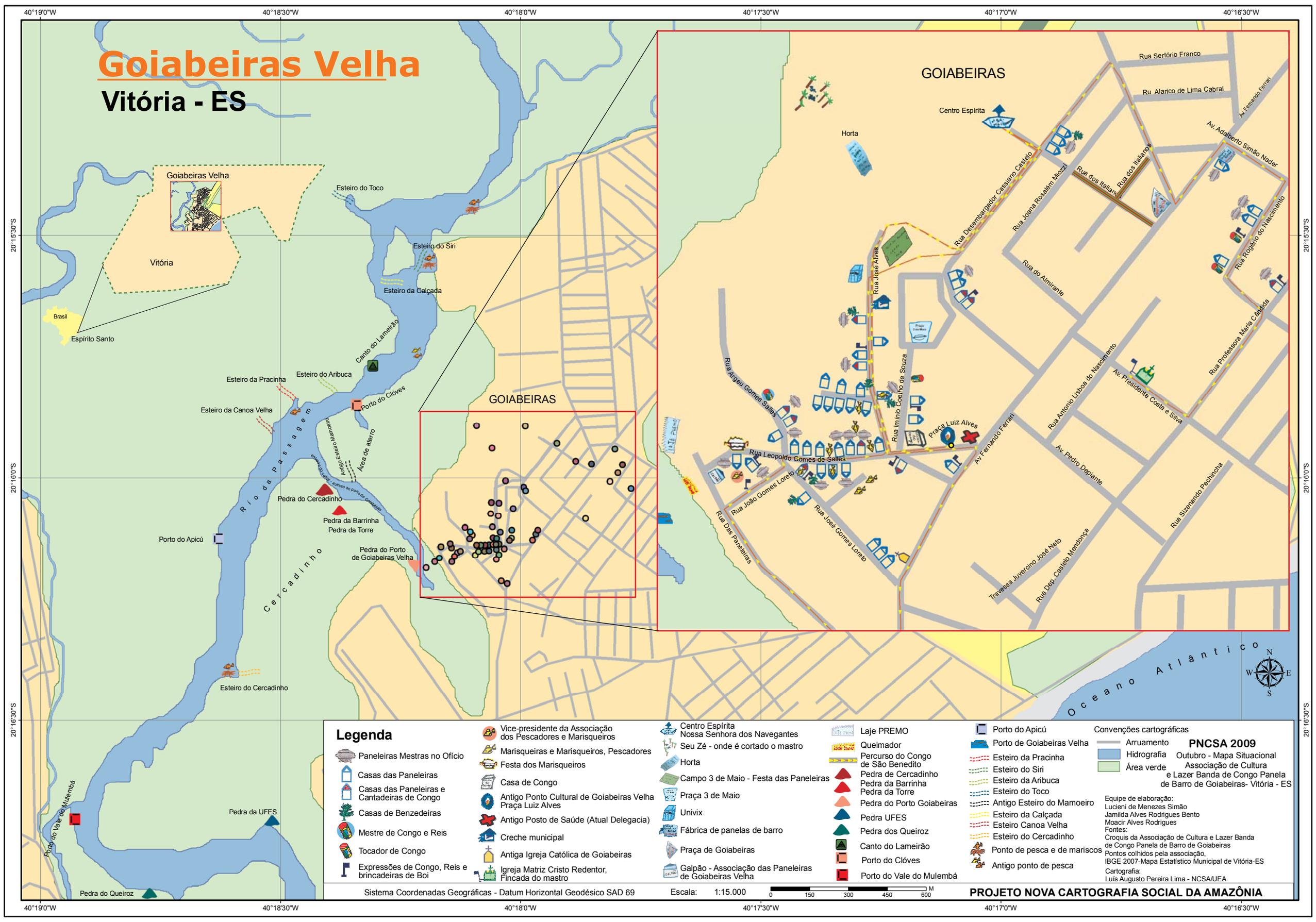
**Izabel fazendo panela sentada**



**Urubu: personagem da brincadeira do boi Estrela**

# Goiabeiras Velha

## Vitória - ES

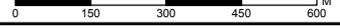


### Legenda

- |  |   |  |  |   |   |
|--|---|--|--|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li> Paineleiras Mestras no Ofício</li> <li> Casas das Paineleiras</li> <li> Casas das Paineleiras e Cantadeiras de Congo</li> <li> Casas de Benzedeiras</li> <li> Mestre de Congo e Reis</li> <li> Tocador de Congo</li> <li> Expressões de Congo, Reis e brincadeiras de Boi</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li> Vice-presidente da Associação dos Pescadores e Marisqueiros</li> <li> Marisqueiras e Marisqueiros, Pescadores</li> <li> Festa dos Marisqueiros</li> <li> Casa de Congo</li> <li> Antigo Ponto Cultural de Goiabeiras Velha Praça Luiz Alves</li> <li> Antigo Posto de Saúde (Atual Delegacia)</li> <li> Creche municipal</li> <li> Antiga Igreja Católica de Goiabeiras</li> <li> Igreja Matriz Cristo Redentor, Fincada do mastro</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li> Centro Espírita Nossa Senhora dos Navegantes Seu Zé - onde é cortado o mastro</li> <li> Horta</li> <li> Campo 3 de Maio - Festa das Paineleiras</li> <li> Praça 3 de Maio</li> <li> Univix</li> <li> Fábrica de painelas de barro</li> <li> Praça de Goiabeiras</li> <li> Galpão - Associação das Paineleiras de Goiabeiras Velha</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li> Laje PREMO</li> <li> Queimador</li> <li> Percurso do Congo de São Benedito</li> <li> Pedra de Cercadinho</li> <li> Pedra da Barrinha</li> <li> Pedra da Torre</li> <li> Pedra do Porto Goiabeiras</li> <li> Pedra UFES</li> <li> Pedra dos Queiroz</li> <li> Canto do Lameirão</li> <li> Porto do Clóves</li> <li> Porto do Vale do Mulembá</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li> Porto do Apicú</li> <li> Porto de Goiabeiras Velha</li> <li> Esteiro da Pracinha</li> <li> Esteiro do Siri</li> <li> Esteiro da Aribuca</li> <li> Esteiro do Toco</li> <li> Antigo Esteiro do Mamoeiro</li> <li> Esteiro da Calçada</li> <li> Esteiro Canoa Velha</li> <li> Esteiro do Cercadinho</li> <li> Ponto de pesca e de mariscos</li> <li> Antigo ponto de pesca</li> </ul> | <p>Convenções cartográficas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li> Arruamento</li> <li> Hidrografia</li> <li> Área verde</li> </ul> <p><b>PNCSA 2009</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li> Outubro - Mapa Situacional</li> <li> Associação de Cultura e Lazer Banda de Congo Painela de Barro de Goiabeiras - Vitória - ES</li> </ul> <p>Equipe de elaboração:<br/>Lucieni de Menezes Simão<br/>Jarmilda Alves Rodrigues Bento<br/>Moacir Alves Rodrigues</p> <p>Fontes:<br/>Croquis da Associação de Cultura e Lazer Banda de Congo Painela de Barro de Goiabeiras<br/>Pontos colhidos pela associação,<br/>IBGE 2007-Mapa Estatístico Municipal de Vitória-ES<br/>Cartografia:<br/>Luís Augusto Pereira Lima - NCSAUEA</p> |
|--|---|--|--|---|---|

Sistema Coordenadas Geográficas - Datum Horizontal Geodésico SAD 69

Escala: 1:15.000



**PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA**



*Cortada, puxada e fincada de mastro da Festa de São Benedito.*

“A brincadeira do boi Estrela é bem antiga aqui em Goiabeiras Velha. Os meus tios já brincavam. Hoje, os personagens dessa tradição são o boi, o pai João, a Catirina, o urubu, o fazendeiro, a benzedeira. Geralmente, acontece no mês de junho. Além dos personagens tem também o mestre que puxa os cantos, as cantadeiras e os tocadores.” **Valdelicis Salles de Souza**, 63 anos, panelleira, cantadeira do congo, da roda, do boi Estrela e da folia de reis

“Quando eu era criança acordava ouvindo a cantoria da folia de reis dos antigos. Hoje, a gente é que dá continuidade a essa cultura. A nossa folia de reis acontece do dia 5 para o dia 6 de janeiro e cantamos em seis casas na Grande Goiabeiras.” **Maria da Conceição Costa**, 64 anos, cantadeira do congo, de roda, do boi Estrela e da folia de reis

“A nossa festa de São Benedito é dividida em três momentos: a cortada do mastro, no dia 08 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição; a puxada e fincada do mastro no dia do Natal e a retirada do mastro no domingo de Páscoa. Pois é, a nossa saída é da Casa do Congo, caminhamos dentro de Goiabeiras Velha e seguimos em direção ao Centro Espírita Nossa Senhora dos Navegantes, do seu Augusto. Chegando lá, ele recebe a gente com alguma bebida e alguma coisa. Tocamos lá dentro do quintal da casa dele e tudo mais. Em trinta minutos, entre comes e bebes, pegamos o mastro dentro do Centro Espírita e colocamos em cima do barco. Depois disso, nos despedimos e seguimos em direção a Igreja Católica. A nossa festa é tradição de todos os anos.” **Valdemiro Sales**, 61 anos, mestre do congo, do boi Estrela e da folia de reis



*Folia de Reis de Goiabeiras Velha*

## A preservação do manguezal

“Qual o objetivo disso? O objetivo de estar apresentando o manguezal para a preservação da natureza. Muitos não sabem e a partir de hoje vão começar a saber. Talvez vão levar para a sala de aula, que são os nomes dos diversos lugares que existem no manguê. O manguê é formado por diversos braços. Tem vão central e vários braços de rios. Estão aqui seu Valdemiro e dona Elizete que vão me dizer, porque eu também tenho muito mais que aprender. Tem a entrada central e os braços. As pessoas de antigamente, elas davam o nome de esteiros. Tem o rio e é chamado de esteiro. Por que esteiro? Por que se deu o nome de esteiro do toco? Como surgiu o esteiro do toco? E o esteiro dos ossos?” **Ademar Inocência da Rosa**, 42 anos, vice-presidente da Associação de Moradores de Goiabeiras Velha

“A gente, quando se entende mulher, a vida da gente é só os filhos. Não importava se tivesse só pros meus filhos o de comer, eu tava tranqüila. E foi nessa lida, durante muitos anos, tinha sol, tinha chuva, tava lá tocada no manguê. [...] Panela nunca fiz. Minhas cunhadas Bracela e Palmira fazia. Às vezes, quando eu não tava podendo ir pro manguê, eu lisava. Lisar, eu já lisei muita panela. De todo jeito era um ganha pão, né? Pra fazer a alimentação de minhas crianças.” **Ilza Inocência da Rosa**, 71 anos, marisqueira

“A degradação do manguê, também é por causa dos moradores. Foi muito aterro pra construir as casas. Mas o processo maior foi uma empresa que se instalou aqui e que já está desativada e a própria UFES. Claro que os moradores tiveram um pouco de participação nesse processo de degradação.” **Ademar Inocência da Rosa**, 42 anos, vice-presidente da Associação de Moradores de Goiabeiras Velha

“A memória que eu tenho é reforçar as palavras de tudo que foi falado, mas ali atrás a UFES era o cercado, que a gente ali tirava a lenha, a tinta. Era tudo tirado do manguê para queimar panela. E ali onde tem o galpão, a minha madrinha Palmira e a dona Letícia, tirava ostra, caranguejo sempre para fazer o almoço da família. Hoje a gente vê uma discussão, estão brigando por isso, por aquilo... Eu queria que a Associação das Panelleiras fosse unida e levasse para adiante nossa tradição, para que no futuro nossos filhos não tivessem que procurar um espaço pra fazer panela. As panelleiras não tinham espaço para fazer panelas. Elas se juntaram para não acabar a tradição. Dona Letícia e dona Palmira, dona Laurinda, dona Merquide e outras panelleiras antigas foram as primeiras que se juntaram pra que as outras panelleiras tivessem um lugar para fazer e queimar suas panelas.” **Izabel Correa Campos**, 63 anos, panelleira, cantadeira do congo, de roda do boi Estrela e da folia de reis



*Manguê: o Porto de Goiabeiras Velha*

“Se eu fosse viver de manguê agora, eu não vivia. Por que a ostra hoje está um fracasso. Não tem mais ostra no manguê. A ostra já era.” **Elizete Salles dos Santos**, 76 anos, panelleira, benzedeira, cantadeira do congo, de roda, do boi Estrela e da folia de reis

“Por que pra viver nessa pesca aí hoje tem que ser aposentado. Hoje, pra se manter através da pesca se passa muito apertado, porque a pesca diminuiu. Então tem que ser assim hoje: você se aposenta e você co-



*Eolino Fernandes, 62 anos, pescador de Goiabeiras Velha*

meça a sair [para o mangue] pra relaxar o corpo.” **Joa- zes Alvarenga Siqueira**, 47 anos, vice-presidente da Associação de Marisqueiros e Pescadores de Goiabeiras Velha

“Às vezes, quando a gente tava no mangue, o IBAMA vinha encostando aquela lancha na gente, pra ver se era ostra, se era caranguejo, que a gente tava tirando. Às vezes, tinha até um amigo da gente que trazia caranguejo. A gente mentia que não, e que só tava trabalhando com ostra, pra não prejudicar a outra pessoa, entendeu? Muitas vezes eu menti, Deus me perdoe, hoje eu sou evangélica.” **Ilza Inocência da Rosa**, 71 anos, marisqueira

“Aqui em Goiabeiras Velha não fomos atingido pela doença letárgica do caranguejo, mas a poluição e degradação do mangue, na minha opinião, tem contribuído para que os caranguejos não cresçam como antigamente. A carcaça do caranguejo não tem mais a mesma calcificação. Hoje em dia, quando o caranguejo é catado, ele não resiste mais do que doze horas fora do manguezal, e, antes, ele se conservava por dois a três dias. Hoje, o caranguejo do nosso mangue é de tamanho médio e pequeno. Acredito que parte dos restaurantes de Vitória têm importando caranguejo de outros municípios capixabas, porque comercialmente a preferência é pelo caranguejo médio e grande. Outra coisa: o baiacu-mirim [peixe], que pegávamos com fartura e era vendido por dúzias, tem se tornado difícil de se encontrar no nosso mangue.” **Genilton Nunes Rangel**, 45 anos, presidente da Associação de Marisqueiros e Pescadores de Goiabeiras Velha

## Resistir e persistir para revitalizar

“Quando criança aprendi a dançar e a cantar o congo com os mais velhos. Hoje, juntamente com os mestres e mestras das culturas populares da nossa comunidade, incentivo as crianças a valorizarem os saberes e fazeres culturais. Esse é um trabalho que demanda muito empenho da nossa parte, uma vez que concorremos com as mídias da modernidade. Aqui em Goiabeiras Velha, as crianças têm interagido com as tradições culturais e um exemplo disso é a nossa Banda de Congo Mirim, constituída por crianças e jovens, a maioria deles com algum grau de parentesco com os integrantes da Banda de Congo Panela de Barro.” **Jamilda Alves Rodrigues Bento**, 46 anos, presidente da Associação de Cultura e Lazer Banda de Congo Panela de Barro de Goiabeiras



**Genilton e Ademar: garantindo a moqueca capixaba na panela de barro de Goiabeiras Velha**



**Integrantes da Banda de Congo Mirim Panela de Barro**

## Reivindicações da comunidade

- Viabilização de um posto de saúde e polícia interativa.
- Estudo da viabilidade de aposentadoria para mestres e mestras das culturas populares de Goiabeiras Velha;
- Criação de um Centro de Convivência, com desenvolvimento de atividades para os grupos da terceira idade;
- Reconstrução da Igreja de Goiabeiras Velha;
- Registro da marca “panelas de barro de Goiabeiras” junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI);
- Sinalização turística das ruas do bairro, indicando as panelas de barro de fundo de quintal;
- Implantação de um projeto de Educação Ambiental;
- Limpeza do manguezal e atividades remuneradas para marisqueiros e pescadores durante o período do defeso;
- Implantação de cursos pré-técnicos para os jovens e de formação para guias-mirins para a recepção dos turistas;
- Ampliação de oferta de atividades esportivas para crianças, jovens e adultos;
- Criação de um complexo cultural, que reúna em um só espaço todas as tradições culturais da comunidade;
- Recuperação do clube de futebol amador da região, concedendo incentivo para a realização de campeonatos locais;
- Realização de uma “Semana Cultural” em Goiabeiras Velha.

### CONTATOS

**Associação de Cultura e Lazer Panela de Barro de Goiabeiras**  
Rua Irmínio Coelho de Souza 26 Vitória ES  
Jamilda Alves Rodrigues Bento  
jamildabento@hotmail.com  
telefone 27. 9296-9712

**Associação de Marisqueiros e Pescadores de Goiabeiras Velha**  
Rua Leopoldo Gomes Sales 49 Vitória ES  
Genilton Nunes Rangel  
telefone 27. 3327-6846 27. 9991-0330.

**Associação de Moradores de Goiabeiras Velha**  
Rua Irmínio Coelho de Souza 18 Vitória ES  
Samarone Carlos Monjardim de Souza (Presidente)  
samaronecs@hotmail.com  
telefone 27. 9914-6154

# Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

- 1 Povos dos Faxinais – Paraná**
- 2 Fundos de Pasto**  
*Nosso Jeito de Viver no Sertão*  
Lago do Sobradinho, Bahia
- 3 Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará**
- 4 Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais**  
*Mostrando sua Cara, Vez e Voz*  
Submédio e Baixo São Francisco
- 5 Ribeirinhos e Quilombolas,**  
Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú  
Novo Airão, Amazonas
- 6 Quilombolas de Conceição das Crioulas**  
Pernambuco
- 7 Ribeirinhos e Artesãos de Itaquera,**  
Gaspar, Barreira Branca e São Pedro  
Rio Jauaperi, Roraima e Amazonas
- 8 Quilombolas de Linharinho**  
Espírito Santo
- 9 Cipozeiros de Garuva**  
Floresta Atlântica, Santa Catarina
- 10 Povoado Pantaneiro de Joselândia**  
Mato Grosso
- 11 Comunidade Quilombola Invernada**  
Paio de Telha Fundão –Paraná
- 12 Comunidade de Pescadores**  
de Caravelas, Sul da Bahia
- 13 Expressões culturais e ofícios tradicionais**  
em Goiabeiras Velha – Vitória , Espírito Santo

## REALIZAÇÃO

Associação de Cultura e Lazer Banda  
de Congo Panela de Barro de Goiabeiras

## APOIO

